Minha História Deixa Que Eu Conto

Ato II | Notas Conceituais Consolidadas

Analize Nicolini | Ato II, 2026 | Projeto iniciado em 2024
Insistir em Existir: Protocolos de um Ateliê Público
SOMA Galeria, Curitiba | Edição para o site, outubro de 2026

EIXOS / Corpo, dissidência, inclusão, acessibilidade, espaço, linguagem

01 Princípio Central

Cada corpo constitui uma unidade singular de experiência, percepção e direito. A obra parte do reconhecimento de que não existe corpo padrão nem sujeito universal. Toda organização espacial, simbólica e narrativa responde, necessariamente, à diversidade real dos corpos. A instalação não adapta o sujeito ao espaço; ela reorganiza o espaço a partir do sujeito.

02 Inclusão como Estrutura

A inclusão é compreendida como prática material e não como enunciação discursiva. A obra rejeita a inclusão enquanto retórica institucional. Ela se manifesta de forma física, mensurável, operacional e verificável, incidindo diretamente sobre altura, distância, legibilidade, circulação e permanência. Não constitui tema ou ilustração conceitual: opera como estrutura.

03 Acessibilidade Não Compensatória

A instalação não cria zonas especiais, versões paralelas ou regimes de exceção. Não existem dispositivos específicos para determinados grupos. Há um único sistema, contínuo e integrado, que responde simultaneamente à diversidade corporal. A acessibilidade não é adicionada ao espaço; ela constitui sua arquitetura.

04 Pluralidade da Experiência

Embora o enunciado seja o mesmo, a experiência nunca é idêntica. Cada corpo encontra a frase a partir de uma altura, uma perspectiva, um tempo e uma história próprios. A obra é estruturalmente plural, sem recorrer à fragmentação formal.

05 Corpo e Espaço

O espaço não é neutro. Ele é permanentemente redefinido pela presença dos corpos. O visitante não ingressa em um ambiente estável: ele participa ativamente de sua configuração. O percurso é relacional, produzido no encontro entre corpo, linguagem e arquitetura.

06 Crítica à Normatividade

A obra tensiona regimes normativos baseados na média estatística, no padrão arquitetônico, no corpo idealizado e na neutralidade institucional. Ela evidencia como dispositivos expositivos são historicamente organizados para poucos. Essa tensão não é efeito colateral, mas elemento constitutivo do trabalho.

07 Presença em Lugar de Representação

A instalação recusa a lógica da representação identitária. Não se trata de representar grupos, mas de criar condições concretas de existência no espaço. O trabalho não opera no campo da identidade como categoria fixa, mas no da presença como experiência viva.

08 Opacidade

A obra afirma o direito à opacidade. O espelho devolve a imagem, mas a linguagem interrompe o reconhecimento automático. O espectador não é convocado a decifrar o outro, mas a conviver com sua irredutibilidade. A identidade não se reduz à informação.

09 Autoria e Fronteira

A frase funciona como território simbólico. Ela demarca fronteiras entre público e privado, silêncio e voz, norma e dissidência. “Minha história deixa que eu conto” constitui um gesto de soberania narrativa. Cada leitura reinscreve essa fronteira.

10 Corpo, Biopolítica e Arquitetura

A instalação materializa espacialmente mecanismos biopolíticos de regulação corporal. O corpo, historicamente medido, classificado e normalizado, passa a reorganizar o espaço. A arquitetura deixa de disciplinar para responder.

11 Experiência Intersexo e Existência

A experiência intersexo associada à Síndrome de Insensibilidade Androgênica Completa (CAIS) integra a obra como referência existencial, não como tematização identitária. O trabalho desloca essa vivência da objetificação médica, midiática ou cinematográfica para o plano da percepção cotidiana. O corpo dissidente é reconhecido como sujeito pleno de experiência, memória e produção de sentido.

12 Acesso como Direito Material

A acessibilidade é compreendida como direito material, não como concessão. A obra não oferece acesso como favor. Ela organiza estruturalmente as condições de leitura, circulação, permanência e autoria, independentemente de estatura, mobilidade ou conformação corporal.

13 Coautoria

A relação com o espectador é constitutiva. Cada corpo atualiza o trabalho no encontro. A autoria se distribui sem se dissolver, preservando a integridade formal da obra.

14 Repetição como Ética

A serialidade não opera como recurso decorativo. Ela expressa insistência, persistência e recusa da exclusão. A repetição é um princípio ético e político.

15 Síntese Conceitual

Minha História Deixa Que Eu Conto articula corpo, linguagem e espaço como dispositivos indissociáveis de inclusão estrutural. A variação corporal torna-se princípio organizador. A obra tensiona regimes normativos de visibilidade e acessibilidade ao integrar opacidade, autoria narrativa e crítica biopolítica em um campo relacional onde identidade, história e presença coexistem sem hierarquia.